



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 13 | Nº. 24 | Jan./Jun. de 2021



Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Universidade Federal do Rio Grande do Norte / UFRN

ENTREVISTADORES

Francisco Dênis Melo

Universidade Estadual Vale do Acaraú / UVA

Thiago Braga Teles da Rocha

Universidade Federal de Pernambuco / UFPE

Transcrição

Antônio Charles Andrade

Marcelo Aguiar Menezes

“O SERTÃO É UMA PALAVRA
QUE DESIGNA SEMPRE O
OUTRO”:

entrevista com Durval Muniz
de Albuquerque Júnior.

Com o intuito de ampliar o debate em torno das polifonias sobre o *SerTão Plural*, a *Revista Historiar* tem a honra de publicar uma instigante entrevista com o Prof. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, realizada pelos historiadores Dênis Melo e Thiago Rocha.

"THE SERTÃO IS A WORD THAT
ALWAYS DESCRIBES THE
OTHER":

interview with Durval Muniz de
Albuquerque Júnior.

In order to broaden the debate around polyphonies about *SerTão Plural*, *Revista Historiar* is honored to publish an instigating interview with Prof. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, performed by historians Dênis Melo and Thiago Rocha.

Dênis Melo – Professor Durval, queria começar com uma questão mais geral, dentro do universo do sertão, querendo entender quando a gente fala em sertão e sertões, a gente está falando de fronteira, de território, de raça, de espaço indefinido e, ao mesmo tempo, do sertanejo como um *outro* da nação, mas que se tornou depositário de uma certa nacionalidade, mas é um *outro*, ele não é “branco”. Então eu queria que você nos colocasse alguma dessas questões, que são bastante complexas, porque envolvem também a questão de identidade.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior – A palavra sertão que é uma palavra exclusivamente da língua portuguesa, tanto é que os viajantes estrangeiros não vão se referir a essa palavra, quando o fazem a tratam como uma palavra especial, uma forma própria de nomear aquilo que eles chamam de interior, eles utilizam sempre interior ou *hinterland*. O sertão é uma palavra que designa sempre o outro. Já em Portugal designava esse outro que era o morador das zonas rurais mais remotas, mais distantes do país. O sertão é sempre o outro da cidade, é o outro da civilização, é o outro do litoral. Quando os portugueses chegam à África, eles vão utilizar o termo para nomear todo o território que ficava para além do litoral, todo o espaço que eles não dominavam. Então, o conceito sertão também ganha uma conotação colonial. Ela passa a ser uma categoria colonial, uma categoria que indica aquela área que não é controlada e dominada pelo homem branco, pelo colonizador. Então, o sertão torna-se o não dominado, o não civilizado, torna-se o não colonizado. O conceito sertão, por definição, é sempre relacional e móvel. O sertão é sempre definido pela relação com o outro espaço, que é a sua negação, então, o sertão é o “não” do litoral. O sertão é o outro da civilização, do território dominado, controlado, domesticado, racionalizado, desbravado, povoado, de onde surgem várias conotações para esse conceito. Ao mesmo tempo, portanto, o sertão é essa fronteira sempre em movimento. Quase sempre, quando você chega ao sertão ele anda mais para frente, quando você chega lá ele deixa de ser sertão. Então, o sertão é sempre atirado mais para adiante. À medida que a fronteira vai se movendo, a fronteira é móvel, ela vai caminhando de Leste para Oeste, no caso do Brasil, o sertão vai sendo empurrado cada vez mais para o interior. Então, o sertão é quase sempre o lugar do desconhecido, do mistério, lugar ainda a ser explorado, conhecido, cartografado, conquistado. A categoria “sertão” foi apropriada pelo discurso regionalista nordestino o que fez com que o restante do Brasil deixasse de ter sertão. O sertão que antes estava em todo o Brasil agora é uma sub-região do Nordeste. Sertão era sempre o lugar onde

a chamada civilização não tinha chegado, ou seja, sertão era quase sempre as terras ainda não dominadas pelos brancos, ainda não apropriadas, não plantadas, não cultivadas, porque o sertão remete também ao inculto, tanto no sentido da produção econômica quanto da cultura. O sertanejo é, inclusive, visto como um homem inculto, como homem não cultivado, o sertanejo é rude, é rústico, é primitivo, é a própria cara do sertão, é a própria encarnação do sertão, que como dizia Euclides, "é ignoto". O discurso regionalista nordestino, entre os vários milagres que ele conseguiu realizar, está o de se apropriar da categoria sertão, da mesma forma que se apropriou da categoria seca. Nenhuma área do Brasil tem seca, as outras áreas do Brasil têm estiagem. A seca é exclusivamente do Nordeste. O Nordeste se apropriou da seca, da mesma forma se apropriou do sertão. Há uma relação direta entre uma coisa e outra. O Nordeste quando surge no imaginário nacional, no começo do século XX, nasce justamente vinculada a seca, as obras contra as secas e por isso essa sinonímia entre Nordeste, semiaridez e seca. E coincidentemente, o sertão do Nordeste é semiárido e, portanto, se o Nordeste é seca, Nordeste é sertão, portanto, há essa sinonímia e essa apropriação, a ponto de em 1969 o IBGE reconhecer o sertão oficialmente como uma sub-região da região Nordeste. Em 1969 o IBGE reconhece oficialmente que o restante do Brasil não tem sertão, quem tem sertão é o Nordeste. Quer dizer, as outras regiões do Brasil passam a ter interior, não têm mais sertão, daí a confusão que os nossos alunos fazem achando que *Grande Sertões: Veredas*, por exemplo, é um livro sobre o Nordeste. Juram que Guimarães Rosa está tratando do Nordeste, porque é *Grande Sertões: Veredas*. Não, Guimarães trata do sertão das Gerais, que compreende parte da Bahia e uma parte de Minas Gerais, a parte semiárida de Minas, pois esse Estado possui uma área semiárida, o Vale do Jequitinhonha. Essa região é tão inóspita quanto algumas áreas do sertão nordestino. Inclusive, era uma área de pobreza extrema, umas das primeiras áreas, por exemplo, onde no Governo Lula (2003-2011) se construiu obras. Há a história de uma famosa ponte sobre o rio Jequitinhonha que se prometia construir há décadas, e Lula foi lá e disse, durante a campanha, "vou fazer a ponte". Logo no começo do Governo fez a tal da ponte. Portanto, é muito interessante a história da categoria sertão. É uma categoria colonial, uma categoria trazida pelo colonizador para justamente nomear aquelas áreas ainda não colonizadas. Nós estamos agora na época de discussões acaloradas em torno dos "valorosos bandeirantes", os bandeirantes foram responsáveis pelas entradas para o sertão, eles eram chamados de sertanistas, quer dizer, justamente, porque iam ao sertão buscar as riquezas que não tinham. E quais eram as riquezas?

Índios “bravios” para escravizar, para vender para os mercados de escravos e para usar também como escravos, pois a base do trabalho em São Paulo colonial é a escravidão indígena, não é a escravidão africana, porque São Paulo não possuía recursos para comprar africanos, porque eram caros. Os bandeirantes vendiam indígenas para as áreas periféricas economicamente da colônia. Quem disse que os índios não foram escravizados? Aquela história que índios eram inadaptados à escravidão e ao trabalho pesado é um mito, os índios foram escravizados ao longo de todo período colonial, eles eram, inclusive, nomeados de *negros da terra*, pois negro nada tinha a ver com cor de pele, porque a cor da pele é preta. Negro era uma categoria jurídica, que remetia a condição de subordinação, a condição de escravo. Então, eles eram os negros da terra, uma projeção da categoria colonial negro trazida da África, evidentemente. Negro era uma forma pejorativa de se chamarem os escravizados. E foi por isso estendida aos indígenas, que também tinham uma pele não branca. Os bandeirantes iam ao sertão em busca das pedras preciosas, dos metais preciosos, que Portugal procurava desde o momento que desembarcou na terra. Além, claro, a gente sabe que os bandeirantes foram a braço armado da Coroa para os momentos de conflitos, regimento pagos. Eles eram milícias, alguma relação com o tempo presente não é mera coincidência. Eles eram milícias chamados de “terços”, que se vendiam a Coroa para debelar rebeliões indígenas, levantamentos indígenas e para desalojar, capturar negros fugitivos, inclusive, para atacar quilombos, que eram massacrados não apenas porque eles seriam uma ameaça ao domínio da Coroa Portuguesa, mas para re-escravizar e vender seus habitantes. Era uma atividade lucrativa aprisionar negros e vender. Os bandeirantes, na verdade, além de bastante sanguinários, bastante dispostos a matar, eram comerciantes, eram pessoas que viviam de vender, inclusive, gentes. O *valoroso* Borba Gato foi acusado, inclusive, de mandar matar o Governador de Minas Gerais, o *glorioso* esteve fugido para os sertões, ele se embrenhou nos sertões do rio Piracicaba para fugir da prisão, porque foi acusado de matar o Governador das Minas. Mais tarde, quando ele descobriu os metais no Rio das Velhas, ele não só foi perdoado como foi condecorado e recebeu mercês reais. Já que estamos falando de valorosos, o valoroso Exército Brasileiro, que deu uma grande demonstração hoje de força, tem batalhões em homenagem a bandeirantes. Essa é a história do Brasil. Por que que a gente vai estudar a história do Brasil? (risos) Para descobrir o que nós somos ao longo do tempo. Tarefa árdua.

Thiago Rocha – Durval, em *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*, que é sua Tese transformada em livro, lemos sobre a importância da literatura, da pintura, do cinema, da música e da composição do imaginário que fixa ideias acerca de Nordeste, associando quase sempre as imagens da seca, da fome, do sofrimento e de paisagens do sertão. Você avalia que nos últimos anos com novas produções culturais nessas artes, ou seja, na literatura, pintura, cinema e música, especialmente nas cidades médias e grandes, novas imagens acerca do Nordeste e do sertão passaram a também compor o imaginário do que é Nordeste em outros locais do Brasil?

Durval Muniz de Albuquerque Júnior – Eu acho que existe excelentes tentativas de fazer isso. Realmente o cinema tem trazido, por exemplo, o fenômeno urbano para as telas, o que era uma ausência, pelo menos até os anos 70, quando o cinema nordestino ou o cinema sobre o Nordeste era, basicamente, um cinema que focalizava o mundo rural ou aquela pequena cidade perdida no interior, como aquela cidade do filme *Bacurau*, aquela cidadezinha, com uma prostituta, um padre, um coronel, um professor, uma médica, um bordel... Tudo só tem um. E isso vem sendo modificado, inclusive, pelos filmes do próprio Kléber Mendonça Filho como *Um Som ao Redor*, por exemplo, que é um filme urbano e um filme interessantíssimo porque vai mostrar justamente como a estrutura da casa-grande e da senzala migrou para a cidade grande, como as grandes metrópoles do Nordeste ainda são impactadas por essa herança rural, colonial, patriarcal, pela herança de relações de poder extremamente desiguais. Temos outros trabalhos do gênero como o filme *Boi Neon* de Gabriel Mascaro, os filmes de Karim Aïnuz, de Paulo Caldas, Lírio Ferreira, os filmes *Tatuagem* de Hilton Lacerda e *Amarelo Manga* de Cláudio Assis. Os romances do Marcelino Freire, por exemplo, que tratam da realidade urbana metropolitana do Recife, mesmo os trabalhos do Xico Sá. Desde o Tropicalismo passando pelo Movimento Mangue, pela geração de Fagner, Belchior, Amelinha, Zé Ramalho, Geraldo Azevedo, Alceu Valença, Djavan que produzem outras sonoridades antenadas com o que está acontecendo musicalmente no mundo. Então, existe sim tentativas, mas esse imaginário ainda é prevalecente, notadamente fora daqui, talvez mais fora daqui do que propriamente aqui. Basta a gente sair do Nordeste para vermos o peso ainda desse imaginário, e claro, há um grande problema, porque nós assumimos esse imaginário e não paramos de realimentá-lo. Veja o fenômeno Juliette, em que os seguidores se autoneameavam orgulhosos de *cactos*. Todo marketing da moça foi feito com ela exibindo um chapéu de cangaceiro na cabeça, uma moça que eu acho

que nunca tinha colocado um chapéu na cabeça, mas quando chegou no momento de construir um personagem para o programa... porque é engraçado as pessoas acharem que tem alguém ali que seja natural naquele programa. Um programa que funciona como uma novela com atores amadores e mal pagos, mas é uma novela e por isso mesmo que dá um enorme lucro à Globo.

Dênis Melo – Com roteiro e tudo.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior – Com roteiro e tudo. Com diretor e tudo. O diretor interfere em tudo ali e dirige tudo ali, e ele é um ditadorzinho, a gente sabe que Boninho não é brincadeira, as intervenções que ele faz no programa. Então, a Juliette foi espertíssima, teve uma equipe de marketing fantástica. Ela é uma moça realmente simpática, desembracada, é uma moça com muitos predicados de inteligência e de esperteza e desempenhou seu papel da forma mais interessante possível. Outros naufragaram, drasticamente, com seus personagens pensados para o programa, porque o programa claramente seguia um roteiro, e era para cada um representar justamente um personagem ligado às lutas identitárias, às questões de identidade. O programa era para aglutinar representações de negritude, de homossexualidade, de regionalidade, quer dizer, as questões identitárias que estão na pauta. E cada um ali tinha um personagem, o Gil já entrou na casa gritando qual era o personagem que ele ia representar. Cada um tinha um papel a desempenhar, uns com mais sucesso e outros com menos sucesso, pois sabemos que há bons atores e maus atores. Alguns escolheram papéis que não conseguiram sustentar no programa. Mas eu acho que o fenômeno mostra como esse imaginário ainda é forte, como ele é poderoso, porque ele é além de tudo assumido por nós. A identidade nordestina é fortíssima porque ela é vivida pelas pessoas, ela é vivida e reivindicada. Vocês viram a reação dos nordestinos durante as Olimpíadas de Tóquio, cada medalha que um nordestino ganhava, no Japão, não era o atleta que ganhava a medalha, era o Nordeste inteiro que ganhava. Cada nordestino subia no pódio e colocava a medalha no pescoço. Em contraposição, imagina se em São Paulo a maioria dos paulistas iriam se identificar com uma ginasta negra, nascida na periferia de Guarulhos, filha de empregada doméstica? Você crê que um paulista vai considerar que ele venceu alguma coisa porque Rebeca Andrade venceu? Não tem o menor cabimento. O paulista jamais vai considerar que foi medalhado porque Rebeca Andrade ganhou uma medalha. Aqui no Nordeste até os jogos coletivos pareciam ser

decididos pelos nordestinos sozinhos, o jogador que fez o primeiro gol da seleção na decisão com a Espanha, que é um paraibano, ganhou o campeonato sozinho, quando na verdade quem desempatou foi um jogador negro paulista. E por que que isso acontece? Na verdade, isso acontece porque os nordestinos precisam sempre estar se afirmando. Há uma necessidade de afirmação individual e coletiva. E por que essa necessidade de afirmação? No fundo, é porque nós, em grande medida, temos internalizado uma baixa autoestima. Nós temos internalizado um complexo de inferioridade. De tanto a gente ouvir que nós não somos capazes, que nós não somos bonitos, que nós não somos inteligentes, muita gente acredita e internaliza. É uma coisa que acontece com os negros e muitos tendem a internalizar o racismo. As mulheres que internalizam a misoginia e o sexismo passam a se achar menores, menos capazes, dependentes e etc. A mesma coisa acontece com o nordestino. Nesse momento em que se considera que há essa pretensa divisão do Brasil em um Nordeste resistente, a área vermelha do Brasil, a área petista, e o Sul bolsonarista, então a vitória dos nordestinos também era comemorada pelas pessoas de esquerda de outras regiões. A cada medalha que o Nordeste conquistava era a medalha que o Brasil vermelho conquistava. E houve também a vibração quando o Gabriel Medina, o bolsonarista, perdeu para o surfista japonês. É muito interessante essa esquizofrenia que Brasil vive atualmente, que recobre um monte de coisas. Bolsonaro teve milhares de votos no Nordeste, milhares, todo mundo conhece um bolsonarista na família, no trabalho, entre os colegas, ainda hoje! Ainda muitos nordestinos são bolsonaristas convictos! Bolsonaro venceu em várias capitais do Nordeste no segundo turno. Bolsonaro venceu na minha cidade, Campina Grande, com 57% dos votos, uma cidade que fornece algumas grandes estrelas do bolsonarismo, inclusive, para o negacionismo da vacina. Então de onde é que se tirou que o Nordeste é vermelho? Que só o Sul é verde e amarelo ou azul? É claro que Bolsonaro ainda hoje tem uma presença muito maior em áreas de prevalência do agronegócio, isso é muito claro, Bolsonaro ainda vence no Paraná, Santa Catarina e no Centro-Oeste, que é a área do agronegócio, que está, inclusive, muito satisfeito em envenenar todos nós com quinhentos venenos, que estão muitos satisfeitos em não ter mais demarcação de terras indígenas nem quilombolas, que estão muito satisfeitos, inclusive, com a licença para matar, a licença para ter jagunços como Lázaro, por exemplo, ou a licença para estocar armas. Não sei se vocês perceberam, mas ali naquela área de Águas Lindas eu não vi muita água linda, mas que todo mundo tinha arma, tinha. Nós só ouvíamos dizerem: o caseiro armado deu um tiro, o caseiro armado não sabe de

onde veio o tiro, quer dizer, todos os caseiros pelo visto estavam armados, aquilo ali era um arsenal. O Lázaro se manteve vinte dias a salvo da nossa gloriosa polícia, entre outras coisas, por roubar armas nas fazendas, significa que no campo brasileiro, hoje, existe um arsenal, o campo é um estoque de armas, já não bastava o arsenal das milícias e do tráfico nas cidades, agora nós temos um arsenal rural. Isso é muito sério, estamos falando sobre sertão, o sertão foi sempre visto como área da violência, um espaço da violência, um espaço sem lei, o sertão era também definido como o espaço aonde a lei não chegava, onde imperava a lei do mais forte, onde imperava aquele que tinha coragem pessoal, destemor pessoal. O sertanejo seria, inclusive, aquele que ganhava status à medida que se mostrava com coragem para afrontar pessoalmente, corporalmente, um embate com o outro. O mito do cabra macho, o mito do valente, do valentão, a honra masculina que passava por isso. Aquela história da peixeira, de passar o pano, toda essa mitologia violenta, sexista, machista, compõe o imaginário do sertão. Estamos caminhando para que o campo volte a ser a terra de ninguém, a terra de violência aberta. A violência no campo brasileiro sempre foi alta, sempre foi grande, havia tido um declínio nos últimos anos, mas a quantidade de camponeses que são assassinados no Brasil todo ano, e agora são os indígenas sendo massacrados. Houve, inclusive, uma denúncia internacional contra o Governo brasileiro no Tribunal Internacional de Haia pela matança dos indígenas, o genocídio contra os indígenas, não só por liberar praticamente a matança, mas por deixar invadir as terras; garimpeiros invadirem e atirarem nos indígenas e o abandono, inclusive, da saúde indígena, completo abandono da saúde indígena. Então, este Governo que nós temos aí, tem um projeto para os indígenas, que é um projeto de extermínio, como é um projeto de extermínio para os pobres da favela, para os negros, para as pessoas preconceituosamente vistas como propensas ao crime. Mas, nós podemos dizer que no imaginário, o Brasil está voltando a ser um grande sertão, estamos voltando justamente à violência desabrada, a uma apologia da violência clara. Outro dia houve a passeata bolsonarista no Rio de Janeiro cujo carro alegórico era uma arminha, uma arminha bastante grande, que abria a passeata a favor do voto impresso. Muito democrática, uma passeata a favor do voto impresso, que começa com um carro alegórico de um revólver, que concepção de democracia “maravilhosa” essa que estamos presenciando...

Thiago Rocha – Durval, em *Nos Destinos da Fronteira* você cria uma linda definição de que um espaço é formado por sociedade, natureza e discurso. Você avalia que o

processo de pluralização da sociedade que vivenciamos hoje, onde discussões mais amplas sobre gênero, classe e etnia, contribui para uma maior diversidade de discurso acerca do sertão nordestino ou ainda somos reféns dos discursos produzidos no começo do século passado?

Durval Muniz de Albuquerque Júnior – Eu acho que há muitos discursos circulando hoje sobre o sertão. Por exemplo, você tem o discurso em torno da convivência com o semiárido, que várias organizações não governamentais e várias entidades fazem. As entidades, por exemplo, que compõem a Articulação do Semiárido, a ASA, que para fugir do imaginário em torno do sertão, substituíram o conceito sertão pelo conceito de semiárido. Adotaram o conceito de semiárido para fugir desse imaginário pesado do sertão. O discurso da convivência com o semiárido traz como ideia primeira o rompimento com o secular discurso da seca, esse discurso que afirmava a necessidade de solucionar o problema da seca. Finalmente se descobriu que seca não se soluciona, que solucionar a seca seria a mesma coisa que na Dinamarca se dizer que vai se solucionar o problema do gelo ou do inverno e na Groelândia se dizer que se vai acabar com a neve. Nós não solucionamos a seca, nós convivemos com ela, criamos formas de produção, criamos formas e estilos de vida, criamos maneiras de conviver com o maior semiárido densamente povoado do mundo, que é o nosso semiárido. Veja, a região não é deserta, a região é semiárida, nela temos o único bioma caatinga do planeta. A caatinga é um bioma que só se encontra no Nordeste brasileiro, ela é uma modificação do cerrado, que é uma vegetação tipo savana. A caatinga nem é uma savana, nem é uma floresta, ela fica entre uma coisa e outra, por isso, ela é um bioma específico e que poderia, por isso, ser muito valorizado. É um escândalo que a caatinga só foi ser considerada um bioma de interesse de preservação no Governo Lula, sob a administração de Marina Silva, no Ministério do Meio Ambiente, quando se começou, por exemplo, a dar desconto no imposto de renda ou no imposto territorial para quem mantivesse reservas de caatinga em suas terras. A caatinga vem sendo dilapidada, destruída há muitos séculos e ela é um bem, ela é um bioma complexo, extremadamente complexo, com espécies vegetais e fauna só encontradas nela. Então, pensar que a gente só veio ter um Instituto de Estudos do Semiárido recentemente, embora, o semiárido e o Nordeste do Brasil sejam as áreas mais estudadas desde o começo do século, por causa da questão da seca e por causa da criação das instituições técnicas voltadas especificamente para a área como o Instituto de Obras contra as Secas, o Instituto Federal de Obras contra as Secas,

o Departamento Nacional de Obras contra as Secas. Então se acumulou um grande conhecimento geológico, geomorfológico, climatológico, hidrológico, botânico sobre essa região, o que não falta é conhecimento sobre essa área. O que falta é a aplicação desses conhecimentos. Então, eu acho que existe outros discursos sim, existe uma diversidade de discursos concorrendo, mas o discurso hegemônico, até porque é o discurso ainda explorado politicamente pelas elites dessa área, é esse discurso da pobreza, da miséria, da semiaridez, da caatinga, que também está muito presente nas nossas manifestações culturais. O problema não é que não existam discursos acadêmicos, por exemplo, concorrentes. O problema é a força da mídia e das artes, da cultura, das produções culturais reproduzindo esse imaginário, inclusive, nas redes sociais. Se você, por exemplo, for ao Google e colocar imagens do Nordeste, veja quais são as imagens que aparecem, faça o teste, veja quais são as imagens que aparecem. É as da terra gretada, é a do cacto, é a do cavalo, são as mesmas imagens, inclusive feitas por artistas que trabalham na internet. Ou seja, pessoas que são artistas gráficos, utilizando as tecnologias digitais, continuam reproduzindo esse imaginário. A mesma coisa se você colocar imagens do sertão, vai aparecer isso. É muito difícil fugir do clichê, é muito difícil fugir do estereótipo, por quê? Um discurso quer ser recepcionado, um discurso, seja qual for, quer ser recebido e, quando você faz um discurso já pronto, já esperado, você tem uma recepção mais fácil, quer dizer, fazer um filme em que as imagens são aquelas que as pessoas já esperam é muito mais fácil do que você fazer um filme rompendo com isso. Por exemplo, a revolta das pessoas no filme do Karim Aïnouz, *Praia do Futuro*, foi uma coisa histórica. Em João Pessoa, em Natal, em várias cidades. Não sei se aconteceu em Fortaleza ou em Sobral. O Wagner Moura tinha feito o Capitão Nascimento em *Tropa de Elite*, tinha feito aquela figura fascista. Até para fugir disso, ele vai fazer o filme do Karim Aïnouz, filme passado no Ceará, *Praia do Futuro*, onde ele faz um personagem homossexual e numa das primeiras cenas ele simplesmente faz sexo passivo com um alemão. Era gente gritando dentro do cinema, saindo revoltado da sala, casais se retirando em protesto. Em Natal foi uma coisa ridícula, tiveram que colocar as pessoas que vendiam ingressos para explicar, fazer uma sinopse do filme para quem comprava, para a pessoa comprar ou não a entrada. Carimbavam no ingresso que a pessoa tinha sido comunicada sobre o conteúdo do filme, porque quase quebram a sala de cinema na primeira exibição do filme. Uma recepção tão chocante quanto a recepção de *Bacurau*. Então as pessoas se levantavam e não saíam simplesmente do cinema, gritavam os palavrões direcionados aos homossexuais para poder se retirar, mas por

quê? Porque eles foram ver o capitão Nascimento. Eram fascistas indo ver outro fascista por uma questão de identificação, evidentemente. E, quando viram que o ator não fazia um papel de fascista novamente, que ator é uma coisa e personagem é outra coisa, eles saíam indignados do cinema. É um dos primeiros filmes do Jesuíta Barbosa, que é um ator assumidamente homossexual, e que faz o irmão dele no filme. É um dos filmes ditos nordestinos, mas que apenas se inicia no Nordeste, tendo sequência na Alemanha. Ele rompe completamente com esse imaginário, mas gera esse tipo de reação, por quê? Porque não é o que se espera. Um filme com *Tatuagem*, que é um filme excepcional, não é um filme que rendeu grandes bilheterias, justamente porque rompe completamente com esse imaginário estereotipado. Assim todo produtor cultural, portanto, está diante desse dilema de fazer ou não o que já se espera. É interessante, por exemplo, o fenômeno que é a peça, *A Invenção do Nordeste*, que brinca e, na verdade, desconstrói toda essa mitologia, mas faz um enorme sucesso. Embora os atores falem de momentos tensos, como, por exemplo, quando eles em Juazeiro do Norte, fizeram a cena questionando o mito do padre Cícero (risos), eles me disseram que se fez um silêncio pesado na plateia. Então, evidentemente, depende do lugar ou contexto em que se está. Em São Paulo, os assistentes saíam bastante tensos, porque achavam evidentemente que a peça era dirigida a eles, uma crítica a eles, afinal de contas a produtora que é uma das personagens é paulista e em uma das falas finais enfatiza o sotaque paulista. A peça fez muito sucesso no Rio de Janeiro, talvez justamente porque o Rio tem uma cultura muito mais carnalizada, que é a tônica da própria peça. Mas é uma peça que fez enorme sucesso, graças ao texto de Pablo Capistrano e do Henrique Fontes, que é muito bom. Ele é apenas baseado no meu livro e não uma reprodução fiel, é um texto autoral. Os dois dramaturgos fizeram um texto que é o motivo de grande parte do sucesso do trabalho. A peça recebeu prêmios em todas as categorias: direção, cenografia, atores, mas creio que o texto é realmente o grande trunfo do espetáculo, pois o que sustenta qualquer proposta de teatro é um grande texto. Quando eu assisti pela primeira vez, eu fiquei muito impressionado. Como conseguiram transformar uma tese de doutorado numa peça teatral de muita leveza e que consegue efetivamente pôr em questão essa mitologia? Mas é muito impressionante a força desse imaginário. Nenhum romancista vende mais livros ainda do que os romancistas de 30, nenhum romancista nordestino posteriores ao romance de trinta tiveram a mesma audiência, talvez só Ariano Suassuna, que reproduz o mesmo imaginário, além disso mediavaliza o sertão, constrói um sertão medieval, aristocrático. Então, Graciliano continua sendo a grande referência, José Lins

do Rego, Raquel de Queiroz. Marcelinho Freire, por exemplo, vende bem, mas não tem a mesma projeção que esses autores. Eu acho, claro, que isso é um trabalho paulatino, isso não acontece de hora para outra, mudança no plano da cultura, do imaginário leva tempo para acontecer. Eu acho que cada vez mais o preconceito contra o nordestino sendo problematizado e essa imagem do nordestino, estereotipado, está sendo questionada.

Dênis Melo – Durval, lembrei de duas questões na sua fala: A primeira é quando você cita essa *medievalização* do sertão pelo Ariano, lembrei de Gustavo Barroso, que também acaba por *medievalizar* o sertão, criando certa tipologia do sertanejo. A segunda lembrança é a sua participação no *Canal Curta*, em se que falava bastante de saudade. Eu queria juntar essas duas questões. O próprio Gustavo Barroso medievaliza o sertão, mas ele também fala da saudade, da possibilidade da saudade, da importância da saudade. Então, como a gente poderia pensar essa questão da saudade na categoria sertão, uma vez que a gente entende, por exemplo, que o Romantismo quando substituiu o índio pelo sertanejo, é possível pensar essas questões e elencar a noção de saudade?

Durval Muniz de Albuquerque Júnior – Justamente, porque o sertão é sempre visto como não contemporâneo, o sertão nunca está no presente, o sertão é sempre passado, o sertão é a reserva de um passado que se foi em relação a quem emite o discurso, porque o sertão depende de quem emite o discurso, é justamente isso que é muito claro no sertão de Guimarães, o sertão são várias veredas porque depende de quem se embrenha pelo sertão e como se embrenha, se embrenhar não significa necessariamente ir lá e andar no sertão, mas que se embrenha pela temática do sertão, quem fala da temática do sertão, toma uma vereda e trata o sertão de uma determinada forma a partir do lugar de onde ele fala, o sertão depende sempre de quem emite o discurso, o sertão é o sertão de cada um. Mas o sertão é sempre visto como um recuo no tempo, quer dizer, quando Euclides diz que andar para o sertão era como que recuar séculos, é a reafirmação dessa ideia de que o sertão é o passado. O passado contraposto ao mundo moderno, a modernidade, a sociedade capitalista, burguesa, urbana. A maior parte dos inventores do Nordeste inventaram o Nordeste sob o signo da saudade, da saudade do mundo senhorial, escravista, patriarcal, estamental, um espaço que estava desaparecendo, ou seja, o Nordeste surge a partir da saudade de uma elite que está perdendo centralidade política e econômica no plano nacional, inclusive, no

plano regional, como é o caso dos senhores de engenhos que estavam sendo substituídos pelos usineiros. A sociologia freyriana é toda uma sociologia da saudade do engenho, como é a literatura de José Lins do Rego, da mesma forma que a literatura de Raquel de Queiroz representa a saudade de um sertão que é contraposto a cidade que ela conheceu, em que ela foi morar, a capital Fortaleza. É um sertão que está sempre encarnando uma espécie de passado idealizado. E nós sabemos que o medievo foi uma das temáticas centrais do romantismo europeu, os românticos eram anti-burgueses, o romantismo é a primeira reação cultural e intelectual a sociedade urbana e industrial burguesa. Daí a centralidade de sociedades atrasadas como a sociedade alemã no movimento romântico. A centralidade que os germânicos têm no movimento romântico se deve ao fato de que os estados germânicos chegaram de forma retardatária a sociedade capitalista e fez uma transição muito própria para o capitalismo, em que a aristocracia se "aburguesou", onde não houve uma revolução, como houve na Inglaterra ou na França. Uma transição que vai ser muito próxima do que vai acontecer mais tardiamente ainda na Rússia, onde você tem servidão até quase o fim do século XIX. Os grandes escritores russos, do fim de século XIX, são, na verdade, filhos de uma pequena burguesia absolutamente exprimida, desencantada com aquela sociedade feudal ainda no final do século XX. Nikolai Gogol, por exemplo, escreve mostrando que os fazendeiros russos, os proprietários de terra contavam quantas *alminhas* eles possuíam. Eles eram donos de casas e de alminhas, que eram os servos. Então, o que é a obra de Ariano? A obra de Ariano é uma obra de saudade da dominação de sua família no sertão da Paraíba. Seu pai chegou à Presidência do Estado. Segundo Ariano, ele nasceu no Palácio das Princesas. Ariano é a única pessoa que tem memória de dois anos de idade... ele era um gênio, ele jura que tinha memória de dois anos de idade. Ele nasceu no palácio do Governo e a família dele foi destronada pelo movimento de 30. O pai foi assassinado e a mãe teve que migrar para Pernambuco para fugir das perseguições políticas. Então, a obra do Ariano é uma obra que faz o luto do pai, porque o sertão é patriarcal, o sertão é centrado na figura do pai. O sertão é também a saudade de um pai que já não pode mais tanto quanto antes, de uma masculinidade que já não pode mais tanto quanto antes. A invenção do cabra macho é uma reação ao primeiro movimento feminista, a primeira onda feminista, a primeira mudança substantiva da posição das mulheres na sociedade. O sertanejo é, justamente, tido como uma reserva de virilidade, de masculinidade, diante dos homens efeminados que a cidade estaria produzindo. A cidade produziria almofadinhas. Você sabe que a invenção, inclusive, da mitologia

homofóbica em torno de cidades como Pelotas e Campinas data desse período. São os filhos das elites, são os filhos dos produtores de charque em Pelotas e os filhos da elite do café em Campinas que vão estudar na Europa, em Paris e voltam “europeizados”. Para o gaúcho da fronteira eles voltam afeminados, afrescalhados. Para os coronéis do interior de São Paulo, seus filhos retornam com modos muito suspeitos. É por isso que um discurso homofóbico persegue essas duas cidades até hoje, dando a elas identidades homofóbicas. No início do século XX havia, claramente, uma ideia de que a sociedade estava se feminilizando. É como se o feminino fosse uma mancha que tivesse se espalhando pelo social. E onde estaria a reserva de masculinidade? No sertão, justamente porque o sertão representava o passado patriarcal, o sertão era outro tempo, então, se isso estava acontecendo no litoral, na cidade, se você marchava para o sertão, você encontraria os homens de verdade: os coronéis, os jagunços, os cangaceiros. A figura do nordestino é calcada nessas figuras. O nordestino é um misto de vaqueiro, coronel, cangaceiro. Essas figuras todas se amalgamam na figura do nordestino. A saudade é intrínseca à invenção do Nordeste porque a invenção do Nordeste é o resultado de uma dominação em perigo, em vários sentidos. É a saudade de um território, de um domínio territorial que está ameaçado. Grande parte da literatura, inclusive, memorialística nordestina é extremamente saudosista. Uma memorialística em grande medida masculina. É muito difícil você encontrar memórias de uma mulher no Nordeste. Os homens têm saudade de quê? Tem saudade da infância onde normalmente quem são os seus ídolos, o seu avô, o homem mais velho, o homem que representa o passado de glória. No livro *Infância*, Graciliano Ramos, um homem de esquerda, confessa a sua admiração pelo avô. Ele lembra do avô morto, ele olha para a grossura do tendão de Aquiles do avô e toma aquilo como um símbolo de poder dos homens daquele tempo. Sabemos que Graciliano tinha uma imagem péssima de si mesmo, se considerava um homem magrelo, pálido, amarelo... Em comparação com o avô ele seria uma lástima, porque o avô conseguia subir de um pulo na égua, e ele mal conseguia se manter sentado em cima dela.

Thiago Rocha – Em *Tecelão dos tempos*, que é sua última obra, você fez uma metáfora associando o trabalho do historiador como um sujeito que costura, que cria enredos e nas suas aulas você também fala muito que poderia ser, talvez, pensado como um trabalho de uma bordadeira. Como você analisa os novos bordados, como você analisa

as novas produções da historiografia acerca da produção de imagens sobre o Nordeste e os sertões?

Durval Muniz de Albuquerque Júnior – Isso é uma grande mudança. Se o discurso acadêmico tivesse o poder que a gente as vezes acha que ele tem, esse imaginário estaria bastante questionado. É claro que eu vivi ainda um momento em que a Universidade basicamente reproduzia esses temas. Eu vivi um momento em que na universidade, de cada dez trabalhos que eram escritos, quatro eram sobre cangaço, messianismo, seca... Acho que, modéstia à parte, o meu livro teve um impacto grande na mudança desse tipo de produção acadêmica. Eu acho que a produção acadêmica no Nordeste vem se enriquecendo muito. A própria presença dos movimentos sociais, o impacto dos movimentos sociais na academia, leva aos estudos de gênero, aos estudos de relações étnico-raciais, que vêm colocando outras questões, outros pontos de vista, vem pluralizando a história do Nordeste. Vem-se colocando em questão essa mitologia, vem se fazendo a história dessa mitologia. Eu acho que do ponto de vista acadêmico, inclusive, com a interiorização das universidades, com a ida das universidades para os sertões, e inclusive com a criação das pós-graduações no sertão - eu fiz questão de participar de um programa como o de História dos Sertões em Caicó, por que eu acho que um curso como esse tem uma enorme importância -, está pondo as versões consagradas sobre o sertão em questão. Eu fui consultor deles na hora de elaborar o programa e dei muita força no sentido de elaborarem um programa em torno da temática do sertão, porque eu acho que é preciso a universidade fornecer outras leituras do sertão. É preciso fornecer a visão de que o sertão é múltiplo. O que me incomoda são sempre essas imagens identitárias, essas imagens homogêneas sobre o sertão e sobre o Nordeste. Tanto o sertão como o Nordeste são diversos. O sertão é sempre quente? Não. Você tem áreas do sertão, com temperaturas bastante baixas em determinados momentos do ano. Não tem homogeneidade no sertão em nenhum aspecto, e mais, a importância que tem hoje o fenômeno urbano no sertão. Mora muita gente hoje em cidades no sertão. O sertão tem grandes cidades hoje. A região do Cariri Cearense é uma grande conurbação. Petrolina e Juazeiro também. Cidades como Mossoró e Caicó crescem de tamanho e de importância. Feira de Santana, que fica no agreste, é a entrada do sertão da Bahia. Temos também Campina Grande que fica numa área de transição entre o agreste e o sertão. Patos e Cajazeiras são cidades já expressivas. Nós temos uma vida urbana no sertão e isso tem que vir para a produção cultural, isso tem que vir

para produção acadêmica. E eu acho que o fato de você ter cidades com cem mil habitantes, onde praticamente todas têm Institutos Federais ou universidades, seja estadual ou seja federal, contribui para que hoje haja um conhecimento mais diversificado e muito mais complexo sobre essa região. Cidades como Sobral - eu tenho que fazer um elogio a Sobral, esse “grande centro irradiador de civilização”, pois Sobral, desde a colônia que vem “iluminando os sertões” - até do ponto de vista físico, se localiza numa área de transição, afinal de contas, Sobral fica entre o sertão e uma chapada, com o clima completamente diferente, e a alguns quilômetros do mar. Talvez por isso tenha tantas “inteligências”, não é? O lugar que foi escolhido para que a Teoria da Relatividade fosse comprovada mundialmente. Sobral monopolizou até o eclipse, é muito mais do que o Nordeste. Mas deixando as brincadeiras de lado, é um fato que Sobral é uma cidade com uma produção acadêmica importante, com mais de uma universidade. Isso vem acontecendo em Quixadá, onde a universidade tem uma enorme importância. No Cariri cearense também. Quando se vai a Alagoas, a Delmiro Gouveia, onde existe um lindo campus da UFAL. Há hoje muito mais condições de produção de conhecimento diversificado, agora é preciso que esse conhecimento chegue à população e isso depende muito dos meios de comunicação, de que os meios de comunicação regional rompam com esse imaginário e depende muito, também, da própria produção cultural e artística beber desses conhecimentos que a universidade produz. Quando eu publiquei *A Invenção do Nordeste e outras artes* eu coloquei o “outras artes” porque me dei conta da importância que as artes tiveram na construção desse imaginário, e fiquei muito feliz quando *A Invenção do Nordeste* começou a se transformar em arte, com a peça de teatro. Agora já inspirou o CD da cantora Juliana Linhares, intitulado *Nordeste ficção*, um filme está para sair, isso é muito importante porque vai efetivamente questionar esse imaginário. Nós da academia temos pouco alcance, se nós inclusive não falamos mais para o público, por isso que também eu me disponho tanto a fazer isso que chamam hoje de História Pública. Eu aceito convites como esse, por exemplo, por que eu acho muito importante falar para outros públicos. Eu prestei uma entrevista para um podcast chamado Budejo, olha o nome né... Mas foi um acontecimento... Muita gente ouviu e foi profundamente questionada, por quê? Porque eles alcançam um público diferente, eles alcançam o público que não é o público universitário. Então acho que a gente tem que falar para outros públicos. Eu aceitei o convite do *Diário do Nordeste*, por que eu acho que é um grande convite, uma grande oportunidade de escrever num jornal tendo que me adaptar a escrever em duas páginas, que é difícil para mim, dizer alguma coisa em

pouco espaço. Mas eu acho importante ocupar a mídia. Acho importante que a gente saia da universidade e vá para a mídia. Canais como DCM (Diário do Centro do Mundo), o canal 247 têm muito importância porque estão levando os professores universitários a sair da bolha. Para conversar com a população, ocupando inclusive espaço de jornalistas mal informados, que é um problema de hoje. Há uma péssima formação de jornalista hoje no Brasil, a gente sabe disso, até porque o fato do STF ter decidido que não precisa ter formação universitária para ser jornalista, foi uma catástrofe, por que você permitiu os donos de mídia, que são empresários e que só querem saber do lucro, contratar pessoas muito despreparadas, que aceitam o salário que pagam... Então há muita gente despreparada nos meios de comunicação, eu acho que todos vocês já passaram por essa experiência de ir fazer uma entrevista com um jornalista e ficar em *palcos de aranha* diante das perguntas que a pessoa faz. Porque não entende nada sobre o que está perguntando. É claro que também há muito historiador mal formado no Brasil, porque há muito curso de história em universidades privadas cuja qualidade da formação é duvidosa... Como tem advogados malformados... E o pior, tem médicos malformados no Brasil... Inclusive um dos grandes problemas da formação médica no Brasil é a falta de formação cidadã, humanística, os médicos estão cada vez mais formados para serem mercadores profissionais, que vendem bem e ganham dinheiro com o seu serviço, mas muito pouco preparados para lidar com seres humanos. E principalmente, eles fazem um juramento ético, mas onde está a ética de profissionais que fizeram seus consultórios de curral eleitoral a favor de um candidato e que foram receber seus colegas cubanos jogando banana e chamando eles de macaco.

Thiago Rocha – Ética do capitalismo, né? Na verdade.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior – E nós sabemos o que fizeram agora na pandemia, se está descobrindo com a CPI que fizeram porque foram muito bem remunerados para fazer o que fizeram, para matar as pessoas, distribuindo remédios que sabiam que não tinha nenhum efeito. É claro que não são todos os médicos, eu espero que seja uma minoria. Mas a gente fica assustado. Eu tinha muito medo de entrar no consultório e dar de cara com um médico negacionista. Eu tive o desprazer de entrar no consultório de um otorrinolaringologista que lamentou que Lula não tivesse morrido de câncer na garganta. Não deu para continuar a consulta. Não vou me consultar com um otorrino que deseja que alguém morra de câncer de garganta. Ele podia até pensar

isso, mas dizer isso para o cliente, é passar de todos os limites. O Brasil realmente vem passando por um período que merece um estudo psicanalítico, em que todos os sintomas e todos os traumas e tudo aquilo que estava escondido veio à tona. É o retorno do recalcado. Como cientistas sociais, como historiadores, temos que participar da análise, colocar o país no divã e fazer a análise, porque de repente a gente pensava que tinha um país e descobriu que temos outro, o mais desesperador foi isso. Nós pensávamos que o Brasil tinha mudado e de repente nós vimos que não mudou profundamente, que as suas vísceras continuam as mesmas. Porque continua ainda colonial, racista, sexista, homofóbico, machista, estruturalmente, elitista, as pessoas ainda raciocinando em termo de distinção, então é complicado.

Thiago Rocha – Eu acho que foi riquíssimo a entrevista, fica o agradecimento ao Durval, fica meu agradecimento pessoal ao Dênis pelo convite e ter feito a ponte e estou satisfeito com as respostas.

Dênis Melo – Durval, queremos agradecer demais sua presença.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior – Obrigado a você pelo convite. Obrigado Dênis, obrigado Thiago, um abraço a todo mundo de Sobral que faz tanto tempo que eu não vejo né? Meus colegas de Sobral, faz muito tempo...

Dênis Melo – Pois é a gente sonhou Durval em trazer a peça (Invenção do Nordeste do Grupo Carmin – RN) para cá, sabe? Eu e o Thiago a gente começou a conversar, quem sabe?

Durval Muniz de Albuquerque Júnior – Eu acho que sim, acho que depois da pandemia eles vão voltar a circular, eles estão ensaiando um outro espetáculo que é baseado na obra do Jessé de Souza, mas da mesma forma que eles continuaram fazendo a peça *Jaci*, mesmo depois de estrearem a *Invenção do Nordeste*, eles devem continuar apresentando *A Invenção do Nordeste* mesmo depois de estrearem a peça nova, sempre que chamarem.

Dênis Melo – Esse grupo caminha muito forte porque temos agora, Jessé... Não é brincadeira, viu.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior – É um espetáculo sobre as classes média brasileira.

Dênis Melo – Pois é. Muito bom. Thiago, muito obrigado, muito prazer!

Thiago Rocha – Obrigado. Valeu.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior – Tchau.

Dênis Melo – Abraço.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (1982), mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1988) e doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1994). Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de Barcelona e em Teoria e Filosofia da História pela Universidade de Coimbra. Professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é professor visitante da Universidade Estadual da Paraíba, professor permanente dos Programas de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenador do Comitê da Área de História do CNPq. Tem experiência na área de História, com ênfase em Teoria e Filosofia da História, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, nordeste, masculinidade, identidade, cultura, biografia histórica, produção de subjetividades e história das sensibilidades.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/7585947992338412>

Francisco Dênis Melo

Possui Licenciatura em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (1996) e Mestrado em História do Brasil - pela Universidade Federal de Pernambuco (2001). Atualmente é professor assistente V da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Doutorado em História, na Linha de Pesquisa Cultura e Memória, da Universidade Federal de Pernambuco (2013). Pós-Doutorado junto

ao PACC - Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ, em 2017. Tem experiência na área de História, com ênfase em Cultura e cidade, ensino, História e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: religiosidade, cultura e memória, educação e história. Professor da Licenciatura em História do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú desde 2003.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/7659445933313039>

Thiago Braga Teles da Rocha

Professor Efetivo da Rede Estadual de Ensino Básico do Ceará - SEDUC/CE. Doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Mestre em História e Culturas pelo Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará - MAHIS/UECE (2017). Especialista em Ensino de História do Ceará pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2016). Licenciado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2013) com mérito acadêmico. Ex-bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET (2010-12). Pesquisador com ênfase em História Política da Igreja Católica, Teoria da História e Historiografia Católica.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/4948278739986172>

Entrevista recebida em: 20 de agosto de 2021.

Entrevista aprovada em: 14 de outubro de 2021.